

O aspecto lexical dos nomes deverbais

The Aktionsart of deverbals nouns

*Maurício Resende**

**Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)*

Resumo: Este artigo investiga as propriedades de aspecto lexical dos nomes deverbais formados pela então chamada derivação regressiva, tais como *fala*, *corte* e *grito*; para tanto, são discutidas as propriedades acionais intrínsecas a cada classe aspectual, tomando por base verbos plenos, bem como as formas linguísticas de reconhecimento dessas mesmas classes. Assim sendo, este trabalho observou que os nomes deverbais formados pelo processo de nominalização referido se comportam da mesma maneira que os verbos plenos dos quais derivam, diante dos testes de reconhecimento de uma classe acional; portanto, este artigo conclui que os nomes deverbais, formados pela então chamada derivação regressiva, preservam o aspecto lexical dos verbos que lhes dão origem.

Palavras-chave: Aspecto lexical. Nomes deverbais. Classe acional.

Abstract: This paper investigates the properties of lexical aspect in deverbals nouns formed by the so-called backward formation. In order to that, this paper discusses the Aktionsart properties inherent to each aspectual group, based on simple verbs. Thus, this work observed that deverbals nouns behave like the verbs, from which these nouns derive, in relation to the recognizing tests of an Aktionsart group. Therefore, this study concludes that deverbals nouns, formed by the so-called backward formation, preserve the lexical aspect of the verbs, from which they derive.

Keywords: Lexical aspect. Deverbals nouns. Aktionsart.

Introdução

Consensualmente o aspecto lexical (ou acionalidade) diz respeito à classificação dos eventos (expressos por predicados verbais) de acordo com suas propriedades temporais intrínsecas. Vendler (1967) entende que o aspecto lexical diz respeito ao modo como um predicado verbal esquematiza a noção do tempo e, a partir disso, distribui as predicacões verbais em quatro classes acionais (ou aspectuais), a saber, estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

Não há ainda um consenso entre os linguistas a respeito de quais são as propriedades temporais intrínsecas aos predicados verbais que caracterizam cada classe acional e que as distinguem entre si. De todo modo, este trabalho assume, seguindo Bertucci (2011), que as classes de Vendler (1967) se distinguem através das propriedades [\pm estágios] e [\pm télico]. As sentenças em (1) são exemplos desses predicados: (1a) estados ($-$ estágios, $-$ télico), (1b) atividades ($+$ estágios, $-$ télico), (1c) *accomplishments* ($+$ estágios, $+$ télico), (1d) *achievements* ($-$ estágios, $+$ télico).

- (1) a) Maria gosta de sua profissão.
b) A professora conversou com os alunos.
c) O professor calculou a raiz quadrada de 144.
d) O motoqueiro entregou a pizza para o cliente.

A escolha pelas características [\pm estágios] e [\pm télico] em detrimento de outras se dá porque essas propriedades são as que mais se combinam com o conjunto de testes elencado para a classificação das situações verbais do português entre as classes de Vendler. De qualquer forma, assumir que essas são as propriedades contingencia um certo modo de interpretar essas situações verbais.

Nesse sentido, predicacões de estado, como em (1a), se definem por terem referência homogênea, com estágios iguais ($-$ estágios), já que qualquer parte de *gostar de sua profissão* é igual a *gostar de sua profissão*; além disso, predicados estativos não têm um fim inerente, um *telos* ($-$ télico), isto é, não há nada intrínseco a *gostar de sua profissão* que lhe garanta um fim, um ponto de culminação.

Em (1b), há um predicado de atividade, e esse predicado pressupõe estágios

([+estágios]); por exemplo, uma conversa é feita de, pelo menos, duas pessoas falando; nesse caso, então, a fala de uma pessoa seria um estágio da predicação verbal e a fala da outra pessoa, um estágio distinto. Com relação ao *telos*, é uma predicação atélica, pois não há nada inerente a *conversar* que lhe atribua um fim, ou seja, não há nada estritamente linguístico no predicado *conversar com os alunos* que garanta uma culminação para essa atividade.

Com (1c), está-se diante de um predicado incremental de *accomplishment* que pressupõe estágios e para o qual se prevê um ponto de culminação, isto é, *calcular a raiz quadrada de 144* pressupõe um *telos*, qual seja, o de terminar o cálculo – de chegar ao seu resultado. A predicação verbal tem um objetivo, um fim intrínseco. Não obstante, convém esclarecer que um predicado incremental é aquele em que diferentes estágios caracterizam o predicado, ao passo que, em uma predicação não incremental, os estágios são iguais. A propriedade de ser incremental pode ser ilustrada, por exemplo, na diferença entre *calcular a raiz quadrada de 144* – em que os estágios são, por exemplo, fazer a racionalização, a multiplicação etc. – e *dormir até as 11h* – cujos estágios são todos homogêneos entre si – no limite, estágios homogêneos de sono.

Finalmente, (1d) apresenta uma predicação de *achievement* que não contém estágios, pois é um evento que se dá em um único momento – um evento instantâneo, pontual; além disso, é um evento télico, porque pressupõe um fim; no caso de (4d), a entrega. Para esse tipo de predicação, entende-se que o início e o término do evento recaem sobre a mesma instância temporal. Dessa forma, elucida-se de que maneira a manipulação das propriedades [+estágios] e [+télico] condiciona o modo como as classes acionais estão sendo interpretadas.

Dadas essas considerações, o objetivo deste artigo é examinar se o aspecto lexical do verbo pleno é preservado quando esse verbo passa por um processo de nominalização, ou seja, se, por exemplo, um predicado de *achievement* como *entregar a pizza* continua pertencendo à mesma classe acional, quando a predicação passa a ser expressa por sua forma nominalizada, isto é, expressa pelo seu nome deverbal correspondente, como *a entrega a pizza*.

Entretanto, o exercício de enxergar as propriedades que caracterizam os predicados (seja em verbos plenos seja em nomes deverbais) nem sempre é suficiente para classificar com segurança determinada predicação como pertencente a uma ou a outra classe. Por isso, a literatura lança mão de testes morfológicos, sintáticos e semânticos com o objetivo de tornar o menos arbitrária possível a inclusão de um predicado verbal em uma das quatro

classes acionais de Vendler¹. Alguns desses testes vêm contemplados nas próximas seções.

1 O aspecto lexical dos verbos plenos

Na busca por testes que asseguram a inclusão correta dos predicados verbais nas classes aspectuais, os trabalhos em Linguística comumente recorrem àqueles propostos por Dowty (1979). No trabalho do autor, a primeira medida é distinguir predicados estativos de não estativos, pois, para ele, os predicados de estado têm características exclusivas (não eventivas).

Com relação a predicados estativos, Dowty propõe que apenas estes não podem aparecer como objeto de verbos do tipo de *forçar*, o que é visto, por exemplo, em (2).

- (2) a) *O professor forçou a criança a desejar passar as férias na Disney.
- b) *O governo forçou o povo a duvidar das ideias da oposição.
- c) *O pai forçou o filho a gostar de bife acebolado.

As sentenças em (2) contendo predicados de estado, assim como propõe Dowty, são agramaticais quando figuram como objeto de verbos como *forçar*. Para Brinton (1995) essa incompatibilidade é resultado do fato de que os predicados estativos, por excelência, não contêm traço volitivo e, portanto, não se pode forçar alguém a algo que independe de sua volição. Kearns (2000) explica que isso ocorre porque não há comandos para que exista um certo estado ou para que alguém (ou alguma coisa) tenha determinada propriedade, por isso a agramaticalidade dos estados com esse tipo de verbo é esperada.

Dowty (1979) afirma ainda que só predicados estativos não podem coocorrer com advérbios do tipo de *cuidadosamente*. Exemplos desses casos são vistos em (3).

- (3) a) *A criança deseja cuidadosamente passar as férias na Disney.
- b) *O povo cuidadosamente duvida das ideias da oposição.

¹ Para este trabalho, é considerada somente a interpretação prototípica de um predicado no que tange à sua acionalidade. Por exemplo, um verbo como *guardar* está sendo entendido como um verbo de atividade como em *João guardou o dinheiro por muitos anos* e não se está levando em conta sua leitura de *achievement* como em *João guardou o dinheiro naquele instante*.

A agramaticalidade das sentenças em (3) é novamente explicada pela incompatibilidade da classe acional estativa com o traço de volição, presente nesse tipo de advérbio, já que não é possível duvidar nem tampouco desejar cuidadosamente. Por fim, este trabalho lança mão ainda de um último teste, com base em Kearns (2000), para o diagnóstico da classe estativa, qual seja: para a autora, predicados de estados não são compatíveis como objeto da construção *o que x fez foi*, como pode ser observado em (4).

- (4) a) *O que Totó fez foi pertencer àquela criança.
b) *O que Santa Catarina fez foi estar entre Paraná e Rio Grande do Sul.
c) *O que o aluno fez foi saber latim.

As sentenças em (4) mostram que em português a construção *o que x fez foi* não é compatível com predicados estativos. Isso pode ser resultado da noção de agentividade expressa por *fazer*; agentividade que requer volição. Brinton (1995), como já mencionado, entende que o traço [-volição] é uma propriedade inerente às predicções de estado. Da mesma forma, para Kearns (2000), a agentividade é um traço ausente para a classe estativa; para essa autora, por exemplo, não se pode ordenar alguém para que tenha determinada propriedade, mas é possível dar uma ordem para que alguém se comporte de determinada maneira.

Adicionalmente, para Dowty (1979), a divisão primária entre as quatro classes aspectuais é entre estativos e não estativos. No que toca a predicções de atividade, um dos testes propostos por Dowty é o de que somente predicados de atividade podem ocorrer com adjuntos adverbiais da forma *por x tempo*², tendo como consequência um acarretamento semântico.

Para o autor, se ϕ é um verbo de atividade, então *x ϕ -ou por y tempo* acarreta que, por qualquer período de tempo *durante y*, *x ϕ -ou* é verdadeiro, o que não acontece para os predicados de *accomplishment*, por exemplo. Isso é resultado de esse tipo de adjunto ser compatível com predicados atéllicos. A aplicação desse teste pode ser vista nas sentenças que seguem: (5) e (6) de atividade e (7), de *accomplishment*, para mostrar o contraste.

² Na verdade, predicados estativos também podem ocorrer com esse tipo de adjunto adverbial, como em *João amou Maria por dez anos*; todavia, ao expor o teste dessa forma, Dowty está contrapondo a classe de atividade somente às outras classes acionais não estativas.

- (5) a) Rita apoiou a causa por dez anos.
b) Rita apoiou a causa.
- (6) a) Pedro beijou a namorada por duas horas.
b) Pedro beijou a namorada.
- (7) a) Joana desenhou o círculo por cinco segundos.
b) Joana desenhou o círculo.

Nas sentenças anteriores, *Rita apoiar a causa por dez anos* acarreta que *Rita apoiou a causa* e igualmente *Pedro beijar a namorada por duas horas* acarreta que *Pedro beijou a namorada*. Portanto, há compatibilidade das sentenças com o adjunto *por x tempo* com acarretamento semântico; isso mostra que as predicções em (5) e (6), quanto a essa propriedade, pertencem à classe das atividades. Por outro lado, *desenhar o círculo por cinco segundos* não acarreta que *o círculo foi*, de fato, *desenhado*.

Além deste, outro teste que emprega a noção de acarretamento semântico é aquele que utiliza o auxiliar aspectual *parar de*. Dowty (1979) mostra que quando há uma sentença (a) com um predicado de atividade empregando *parar de* e uma sentença (b) com esse mesmo predicado no perfectivo, há uma relação de acarretamento de (a) para (b). Esse teste pode ser visto aplicado em (8) e (9).

- (8) a) Rita parou de apoiar a causa.
b) Rita apoiou a causa.
- (9) a) Pedro parou de beijar a namorada.
b) Pedro beijou a namorada.

Ao observar as sentenças anteriores, é possível constatar que há uma relação de acarretamento semântico de (a) para (b) em (8) e (9). Isso é mais uma evidência para classificá-las como pertencentes à classe das atividades. Adicionalmente, ainda dispondo da operação semântica de acarretamento, a literatura mostra que, se um predicado pertence à classe aspectual de atividade, uma sentença (a), contendo esse predicado, no imperfectivo, acarreta uma sentença (b), contendo esse mesmo predicado, no perfectivo. Essa operação não se vê, por outro lado, em predicados de *accomplishment*, por exemplo. Visando a essa verificação, têm-se (10) e (11) com atividades e (12) com *accomplishments*.

- (10) a) Rita apoiava a causa.
b) Rita apoiou a causa.
- (11) a) Pedro beijava a namorada.
b) Pedro beijou a namorada.
- (12) a) Joana desenhava o círculo.
b) Joana desenhou o círculo.

Ao observar as sentenças em (10) e (11), constata-se que há acarretamento semântico de (a) para (b), o que não se verifica para (12). Isso porque afirmar que Rita apoiava a causa e que Pedro beijava a namorada acarreta que Rita apoiou a causa e que Pedro beijou a namorada; diferentemente, a afirmação de que Joana desenhava o círculo não acarreta que Joana desenhou o círculo (ou seja, não acarreta a culminação do evento). Esse fenômeno ficou conhecido na literatura como *paradoxo do imperfectivo*.

Indo adiante, tanto atividades quanto *accomplishments* possuem o traço [+estágios]; o que os diferencia é o traço de telicidade, positivo para estes e negativo, para aqueles. Nesse sentido, poderiam ser usados os mesmos testes empregados para o reconhecimento de predicções de atividade para o diagnóstico dos predicados de *accomplishment*, tais como o acarretamento semântico de (a) para (b) empregando os recursos mostrados anteriormente, apenas esperando o valor inverso, ou seja, o não acarretamento.

Entretanto, além dessas possibilidades, Dowty (1979) dispõe de outros testes para a separação dessas classes acionais, dos quais, um, em especial, é apresentado a seguir. Para o autor, somente predicados *accomplishment* são compatíveis com o auxiliar aspectual *terminar de*³, como mostra (13) e o contraste com predicados estativos em (14).

- (13) a) Joana terminou de desenhar o círculo.
b) Leonardo da Vinci terminou de pintar Mona Lisa.
- (14) a) *O João terminou de amar a Maria.
b) *Aquele criança terminou de desejar passar as férias na Disney.

³ Bertucci (2011) refina esse teste propondo que *terminar de* é exclusivo dos predicados de *accomplishments* incrementais. Um exemplo disso é a agramaticalidade de *O maratonista terminou de correr dez quilômetros.

A exclusividade do auxiliar aspectual *terminar de* com *accomplishments* é resultado simultaneamente da presença do traço [+télico], pois *terminar* pressupõe o fim de um evento, um *telos*, e do traço [+estágios], já que são necessários estágios e um ponto final com mudança de estado para licenciar o uso desse auxiliar (BERTUCCI, 2011). Com relação à incompatibilidade de *accomplishments* com acarretamento semântico de (a) para (b) com *parar de* e *por x tempo*, consideram-se (15) e (16).

(15) a) Joana parou de desenhar o círculo.

b) Joana desenhou o círculo.

(16) a) Leonardo da Vinci pintou Mona Lisa por um mês.

b) Leonardo da Vinci pintou Mona Lisa.

Como já mencionado, às vezes um mesmo teste pode ser empregado para o diagnóstico de classes acionais distintas, com a única diferença de que se espera um valor contrário. Por exemplo, diferentemente de atividades e de *accomplishments*, *achievements* são incompatíveis com os auxiliares aspectuais *parar de* e *terminar de*, como ilustram (17) e (18).

(17) a) *Marta parou de atingir o topo de montanha.

b) *O bebê parou de nascer.

(18) a) *O menino terminou de cair.

b) *O cachorro terminou de morrer.

De todo modo, Dowty (1979) avança outros testes com vistas ao reconhecimento dos predicados de *achievement* como, por exemplo, a incompatibilidade com advérbios do tipo de *atenciosamente* como se vê em (19).

(19) a) *Marta atingiu o topo da montanha atenciosamente.

b) *O bebê nasceu atenciosamente.

c) *O menino caiu atenciosamente.

Para Dowty (1979), advérbios como *atenciosamente* formam sentenças anômalas com *achievements*. Isso é resultado do fato de que advérbios desse tipo têm uma semântica que indica duração e, ao contrário, *achievements* descrevem situações verbais instantâneas, pontuais.

No que tange à compatibilidade com adjuntos de tempo, da mesma maneira que adjuntos da forma *por x tempo* são compatíveis com predicados atélicos (estados e atividades), adjuntos da forma *em x tempo* combinam-se com predicções télicas (*accomplishments* e *achievements*). Todavia, Dowty entende que há uma diferença de acarretamento semântico entre o uso desse adjunto de tempo com os dois tipos de predicção télica. Para o autor, se ϕ é um predicado⁴ de *accomplishment*, então *x ϕ -ou em y tempo* acarreta que *x estava ϕ -ndo durante y tempo*; por outro lado, se ϕ é um predicado de *achievement*, então *x ϕ -ou em y tempo* não acarreta que *x estava ϕ -ndo durante y tempo*. Aplicando essas fórmulas a dados do português, têm-se (20) e (21) para *achievements* e (22) para *accomplishments*.

(20) a) Marta atingiu o topo da montanha em vinte segundos.

b) ?? Marta estava atingindo o topo da montanha durante vinte segundos.

(21) a) O menino caiu em um minuto.

b) ?? O menino estava caindo durante um minuto.

(22) a) Joana desenhou o círculo em cinco segundos.

b) Joana estava desenhando o círculo durante cinco segundos.

Nos pares de sentenças anteriores, não há acarretamento de (a) para (b) em (20) nem em (21), pois *Marta atingir o topo da montanha em vinte segundos* não acarreta que durante esse tempo ela esteve atingindo o topo da montanha, na verdade, a sentença em (b) é inclusive marginal. E o mesmo vale para *o menino cair*. Diferentemente, *Joana desenhar o círculo em cinco segundos* acarreta que ela esteve desenhando o círculo durante esse tempo, como em (22).

Por fim, dado que os *achievements* são caracterizados como eventos pontuais, tendo seu início e término sobre a mesma instância temporal, a literatura linguística tem usado como diagnóstico a compatibilidade com o adjunto temporal *a x tempo* (ou mais

⁴ O autor usa o termo “verbo”.

especificamente, *às x horas*). Na verdade, há alguns exemplos de sentenças, contendo as outras classes acionais, que são compatíveis com esse adjunto; entretanto, diferentemente dos *achievements*, quando aparece em sentenças que descrevem outras classes aspectuais, *a x tempo* marca o momento de início ou o momento de culminação do evento. As sentenças seguintes descrevem predicados de *achievements* em (23) e, para mostrar o contraste, de *accomplishments* em (24).

(23) a) Marta atingiu o topo da montanha ao meio-dia.

b) O bebê nasceu às 11h25min.

(24) a) ?? Leonardo da Vinci pintou Mona Lisa às 14h.

b) ?? Joana desenhou o círculo às 6h.

As instâncias temporais do atingimento do topo e do nascimento do bebê são exatamente marcadas por adjuntos da forma *a x tempo*; por seu turno, nas sentenças em (24), *a x tempo* indica somente um dos estágios do evento, provavelmente o término em (a) e o início em (b) (*o provavelmente* é indicador da marginalidade das sentenças).

2 O aspecto lexical dos nomes deverbais

Na seção anterior, foram explicitados quais são os testes de que este trabalho dispõe para determinar qual a classe acional de uma dada predicação verbal, expressa por um verbo pleno. Assim, cabe a esta seção aplicar esses mesmos testes às formas nominalizadas desses verbos.

Não é objetivo deste estudo apresentar uma discussão detalhada a respeito da caracterização morfológica dos processos de nominalização deverbal do português nem tampouco apresentar argumentos que justifiquem a escolha por uma proposta em detrimento de outra. Ainda assim, cabe tecer alguns comentários a respeito das principais propriedades do conjunto de nomes deverbais, no que toca ao seu recorte morfológico, elencado para esta análise.

Tradicionalmente o termo “nome deverbal” tem aparecido na literatura para fazer referência a um nome que derivou de um verbo. Não há um consenso entre os linguistas (e/ou entre os gramáticos) a respeito de qual é o conjunto de processos morfológicos

responsáveis pela formação de nomes a partir de verbos⁵. Todavia, com alguma variação a depender da abordagem que se assume, os estudos sobre o português reconhecem que é possível formar nomes deverbais por sufixação, por afixação zero, ou ainda por derivação regressiva. Exemplos desses processos podem ser observados em (25a-c) respectivamente.

- (25) a) [tratar]_v/[tratamento]_N, [formar]_v/[formação]_N, [lavar]_v/[lavagem]_N.
 b) [olhar]_{Inf}/[olhar]_N, [formando]_{Ger}/[formando]_N, [gemido]_{Part}/[gemido]_N.
 c) [falar]_v/[fala]_N, [cortar]_v/[corte]_N, [gritar]_v/[grito]_N.

Os nomes deverbais como em (25a) são formados por meio da adição de um sufixo com conteúdo fonológico (-*mento*, -*ção*, -*agem*) a uma base verbal; por sua vez, nomes como em (25b) podem ser considerados resultantes da adjunção de um afixo sem conteúdo fonológico (um afixo Ø) a uma base verbal. Por fim, nominalizações como em (25c) normalmente são consideradas fruto de um processo morfológico que não envolve a adição de afixos, mas sim, de uma vogal temática a um radical.

Este trabalho não está se comprometendo com nenhum desses tratamentos morfológicos; porém, alguns trabalhos⁶ atentam para o fato de que determinados afixos podem provocar mudanças na caracterização acional do predicado (expresso por um nome); por essa razão, este estudo preconizou nomes deverbais que não envolvem afixos (com ou sem conteúdo fonológico) com o objetivo de deixar o conjunto de dados o mais delimitado (e mais livre de interferências) possível.

Com relação à literatura sobre aspecto em nominalizações do português, Costa (1990) já havia atentado para o fato de que nomes⁷ deverbais formados por processos de nominalização distintos disparam diferentes leituras aspectuais. Para a autora, por exemplo, nomes como *ajuste*, *convívio*, *processo* e *teste* tomam o evento encarado no seu aspecto global e pontual, ao passo que *ajustamento*, *convivência*, *processamento* e *testagem* chamam a atenção para a constituição interna do evento; para a autora, nomes do primeiro grupo têm aspecto perfectivo e do segundo, aspecto imperfectivo.

No entanto, o estudo de Costa (1990) não discute questões que subjazem à caracterização morfológica desses nomes, ou seja, se a atribuição de aspecto imperfectivo não está relacionada ao sufixo. Muitos trabalhos em Morfologia⁸ têm mostrado que o

⁵ Cf. Resende (2016) e bibliografia citada nesse trabalho para uma discussão acerca desses processos.

⁶ Cf., por exemplo, Brinton (1995), Lemle (2002).

⁷ A autora utiliza “substantivos”.

⁸ Cf. Resende (2015) e bibliografia citada nesse trabalho.

sufixo não é um mero recurso nominalizador com conteúdo fonológico, sem carga semântica, mas que oferece restrições quanto ao tipo de base verbal à qual se adjunge.

Por seu turno, Castilho (2010) defende que os nomes deverbais preservam o aspecto do verbo do qual derivam; para o autor, verbos perfectivos (para ele, de eventos pontuais) formam nomes⁹ perfectivos e verbos imperfectivos (segundo o autor, de eventos durativos) derivam nomes imperfectivos¹⁰. Para Castilho, o primeiro caso é o de pares como [alarmar]_V/[alarme]_N, [ameaçar]_V/[ameaça]_N e [atacar]_V/[ataque]_N; e para o último, [buscar]_V/[busca]_N e [agradar]_V/[agrado]_N. Contudo, a análise do autor não explicita os critérios empregados e faz parecer trivial um fenômeno que precisa de um pouco mais de atenção, por isso, este artigo se propõe a testar a acionalidade das formas nominais¹¹.

Com relação à testagem, na seção anterior, quando os testes foram aplicados a verbos plenos, não houve necessidade de restringir o conjunto de verbos, uma vez que, via de regra, qualquer verbo da língua poderia ser testado; porém, nem todos os verbos do português apresentam uma contraparte nominal; mais restrito ainda é o número de verbos que se nominaliza por meio de derivação regressiva (nos termos anteriormente explicitados).

Portanto, nesta seção em que os dados de análise estão mais restringidos, com vistas a fornecer um grupo representativo de formas, é apresentado um conjunto de dados que contém as formas que são submetidas aos testes (naturalmente nem todos os dados de cada conjunto são testados, apenas um número suficientemente representativo). Esses conjuntos de dados foram formados livremente com formas produtivas e recorrentes do português falado.

Cabe fazer a observação de que este trabalho entende que se os nomes deverbais responderem da mesma maneira, aos testes propostos na seção anterior, que os verbos plenos dos quais esses nomes derivam, não houve alteração no aspecto lexical. Assim sendo, para a análise da acionalidade das nominalizações de verbos estativos, apresenta-se (26).

(26) *descanso, desejo, desprezo, dúvida*¹², *gosto, interesse, melhora, respeito.*

⁹ O autor emprega o termo “substantivo”.

¹⁰ Vale chamar a atenção para o fato de que Castilho (2010) entende que a acionalidade da predicação verbal é composta por propriedades distintas das assumidas neste trabalho; para o autor, elas são privativas, [pontual] e [durativo].

¹¹ Cf. Ilari (1997) para uma caracterização alternativa das propriedades temporais intrínsecas nos nomes.

¹² Neste caso, com a aceção diferente de *pergunta*, como em *eu tenho uma dúvida/pergunta*.

Então, submetendo as nominalizações estativas em (26) aos testes apresentados na seção anterior, com o intuito de diagnosticar o seu comportamento acional, consideram-se as sentenças que seguem. Anteriormente foi mostrado que predicados de estado não aparecem como objeto do verbo *forçar*; para tanto, observa-se o comportamento de nominalizações derivadas de verbos estativos em (27) e de verbos não estativos em (28).

(27) a) *A diretoria forçou o respeito pelo professor.

b) *Carlos forçou o desprezo por Marcos.

c) *O médico forçou o descanso do paciente.

(28) a) O carcereiro forçou a fuga do ladrão.

b) O juiz forçou o encontro de Pedro com a ex-mulher.

c) O cliente forçou a entrega de pizzas no prédio.

Quanto a esse teste, foi possível perceber que nomes deverbais de verbos de estado rejeitaram figurarem como objeto de *forçar*, ao passo que isso não se verificou para as nominalizações de verbos não estativos; tal comportamento é explicado pela afirmação de Kearns (2000) de que não se pode forçar alguém ou algo a possuir determinada propriedade; por outro lado, é possível forçar alguém a executar determinada ação, o que se observa em (28).

Outro teste utilizado para o reconhecimento da classe acional estativa é o da incompatibilidade com advérbios do tipo *cuidadosamente*; porém, uma vez que estão sendo testadas nominalizações, substitui-se o advérbio pelo adjetivo correspondente, *cuidadoso*. Veem-se sintagmas com deverbais de verbos estativos em (29) e com não estativos em (30).

(29) a) *Um respeito cuidadoso pelo professor.

b) *Um desprezo cuidadoso por Marcos.

c) *Um descanso cuidadoso do paciente.

(30) a) Uma fuga cuidadosa da delegacia.

b) Um encontro cuidadoso de Pedro com a ex-mulher.

c) Uma entrega cuidadosa de pizzas no prédio.

Os exemplos anteriores mostram a incompatibilidade de *cuidadoso* com deverbais estativos, que não contêm um traço volitivo, já que para ser cuidadoso é necessário controle sobre o evento, sobre a ação, o que é observado em (30). Além disso, na seção anterior, foi mostrado que predicados de estado não se combinam bem com *o que x fez foi*; assim, testando as nominalizações em (26), tem-se (31) em contraste com (32) nominalizações de verbos não estativos.

(31) a) *O interesse por línguas mortas foi o que João fez.

b) *A melhora nas notas foi o que Maria fez.

c) *O desprezo por Marcos foi o que Ana fez.

(32) a) A análise dos dados foi o que o João fez.

b) A entrega da pizza foi o que o motoqueiro fez.

c) O plano de fuga foi o que o ladrão fez.

Assim, uma vez que os nomes derivados de verbos estativos se comportaram da mesma maneira que as predicacões verbais de estado no que toca à aplicação dos testes elencados, conclui-se que, para essas nominalizações, não há mudanças na acionalidade.

Adicionalmente, no que concerne a outras classes acionais, são testados simultaneamente deverbais de atividade e de *accomplishment*, porque o conjunto de testes que os diagnostica é o mesmo, com a diferença de que se esperam resultados distintos. Assim, da mesma maneira que para as nominalizações estativas, reuniu-se um conjunto aleatório de nomes derivados de predicados de atividade, em (33), e de *accomplishment*, em (34).

(33) *abraço, acesso, agrado, ajuda, ameaça, apoio, ataque, atraso, auxílio, avanço, conforto, consolo, beijo, berro, briga, canto, chute, conversa, demora, desculpa, engano, esforço, espera, fala, falha, gasto, incentivo, grito, limpa, mergulho, passeio, pulo, repúdio, salto, sonho, surra, trabalho, uso, visita, volta, xingo*¹³.

(34) *almoço, análise, anúncio, busca, cálculo, corte, crítica, denúncia, depósito, pergunta, pesquisa, relato*.

¹³ Em muitos dialetos do PB, também é possível encontrar a forma *xingão*.

Com base nos testes listados apresentados na seção anterior, nomes de atividade e de *accomplishment* são submetidos à testagem de três características. Uma delas é a da compatibilidade com *parar de*, desencadeando acarretamento semântico de (a) para (b), como aparece em (35b) e (36b) para atividades e em (37b) e (38b), para *accomplishments*.

- (35) a) Parou a briga.
b) Aconteceu uma briga.
- (36) a) Parou a conversa.
b) Ocorreu uma conversa.
- (37) a) Parou o anúncio.
b) Aconteceu um anúncio.
- (38) a) Parou a análise.
b) Ocorreu uma análise.

Nas sentenças anteriores, em (35) e (36), há acarretamento semântico de (a) para (b), pois mesmo que tenha havido interrupção da briga ou da conversa, é possível dizer que houve uma briga e houve uma conversa. Diferentemente de (37) e de (38) em que (a) não acarreta (b), já que interromper uma análise ou um anúncio não acarreta que houve, de fato, a culminação de uma análise ou de um anúncio. Portanto, mostra-se que tanto deverbais de atividade quanto de *accomplishment* se comportam da mesma maneira que os verbos dos quais derivam, quanto a esse teste.

Um segundo teste para a verificação também faz uso da noção de acarretamento semântico, desta vez com o uso do imperfectivo, prevendo acarretamento de (a) para (b) para situações verbais entendidas como atividades – como (39) e (40), e resultado inverso para *accomplishments* – em (41) e (42).

- (39) a) Acontecia uma briga.
b) Aconteceu uma briga.
- (40) a) Havia apoio.
b) Houve apoio.
- (41) a) Ocorria uma denúncia.

- b) Ocorreu uma denúncia.
- (42) a) Acontecia um relato.
- b) Aconteceu um relato.

Nas sentenças anteriores, quanto ao paradoxo do imperfectivo, nota-se que se havia apoio ou se acontecia uma briga, acarreta-se que houve apoio e que aconteceu uma briga. O mesmo não se verifica em (41) e (42) em que a afirmação de que ocorria uma denúncia ou de que acontecia um relato não acarreta a culminação desses eventos. Logo, tanto predicados de atividade quanto de *accomplishments* se comportam como os verbos dos quais derivam, com relação a esse teste.

No que tange à compatibilidade com *terminar*, testam-se nomes deverbais de atividade em (43) e de *accomplishments* em (44). Vale lembrar que, para os verbos plenos, havia rejeição de *terminar* com atividades e compatibilidade com *accomplishments*.

- (43) a) *O pulo terminou.
- b) *O consolo terminou.
- c) *O chute terminou.
- (44) a) A análise terminou.
- b) A busca terminou.
- c) O relato terminou.

Como foi possível observar em (43), as nominalizações formadas a partir de verbos de atividade são incompatíveis com *terminar*¹⁴, diferentemente dos deverbais *accomplishment*. Desse modo, conclui-se que, assim como os deverbais estativos, os nomes

¹⁴ Na verdade, existem poucos casos, tais como *conversa* e *briga* que são compatíveis com *terminar*, como em *a conversa terminou* ou *a briga terminou*; no entanto, essa compatibilidade é resultado não da mudança no aspecto lexical (sobretudo no que toca ao traço de telicidade), mas de uma operação semântica que delimita o número de estágios de um predicado atético, isto é, embora não haja nada intrínseco ao predicado *conversar* que lhe garanta uma culminação (um *telos*), no mundo extralinguístico, conversas terminam em um dado momento, e esse término não tem a ver com o atingimento de um *telos*, mas sim, de um fim arbitrário. À imposição dessa culminação arbitrária, segue a possibilidade de quantificação com um determinante, por exemplo, *uma* ou *a*, e, por conseguinte, é possível formar *a conversa terminou* com a leitura de que o evento *conversa* teve um fim (mas nesse caso, extralinguístico e arbitrário e não, inerente e definido – como o *telos*).

que indicam eventos de atividade e de *accomplishment* não sofrem alteração no seu aspecto lexical em relação aos seus respectivos verbos.

Por fim, no que norteia à verificação dos deverbais derivados de *achievements*, o conjunto de dados submetidos à análise está em (45).

(45) *compra, empate, entrega, escolha, fuga, ganho, passe, perda, quebra, queda, toque, troca, venda.*

Para estes, primeiramente testa-se a compatibilidade com advérbios do tipo *atenciosamente*; entretanto, em se tratando de nominalizações, utiliza-se o adjetivo correspondente, *atencioso*, como em (46).

(46) a) *Uma queda atenciosa do menino.

b) *Uma perda atenciosa da chave.

A respeito de (46), a incompatibilidade com o adjetivo *atencioso* é uma evidência a favor da preservação da acionalidade¹⁵. No que toca a adjuntos temporais e sua compatibilidade com *achievements*, testa-se em (47), *a x tempo*. A título de comparação, consideram-se em (48) deverbais de atividade.

(47) a) Uma escolha ao meio-dia.

b) Uma entrega às 14h30min.

(48) a) *Um apoio ao meio-dia.

b) *Um conforto às 14h30min.

A partir de (47) e (48), observou-se que deverbais de *achievement* constroem

¹⁵ É verdade que é possível formar sintagmas como *uma venda atenciosa* e *uma escolha atenciosa*, por exemplo; no entanto, a compatibilidade desses predicados com esse modificador indica não mais uma leitura *achievement*, já que *uma escolha atenciosa* implica um evento durativo e um predicado *achievement* é justamente caracterizado como um evento pontual e instantâneo; assim, a possibilidade dessas formações é uma evidência de que o predicado verbal em questão, embora expresso pelo mesmo nome, sofreu alterações nas suas propriedades acionais.

sintagmas bem formadas com *a x tempo* ao passo que deverbais de atividade, não. Finalmente, em (49), testa-se a compatibilidade de deverbais de *achievement* com *terminar*.

(49) a) *Uma queda terminou.

b) *Uma perda terminou.

As sentenças em (49) mostram a rejeição de nominalizações *achievement* a *terminar*, o que era esperado, uma vez que *terminar* só é compatível com a classe acional de *accomplishment*. Então, sendo que os nomes deverbais se comportam do mesmo modo de que os verbos dos quais eles derivam com relação aos testes propostos, conclui-se que não há variação de acionalidade quando um predicado de *achievement* aparece expresso por um nome deverbal.

3 Considerações finais

As propriedades de aspecto lexical bem como as formas linguísticas de seu diagnóstico têm sido alvo de intenso debate entre os linguistas. Muitos trabalhos que se debruçam sobre o português brasileiro têm dado especial atenção ao aspecto lexical dos verbos plenos, mas o interesse sobre as propriedades acionais das nominalizações é ainda relativamente novo.

A partir disso, o objetivo deste artigo foi investigar se o aspecto lexical dos verbos plenos se matinha quando esses verbos se submetem à nominalização, mais especificamente à formação por derivação regressiva. O diagnóstico da classe acional se deu por meio de testes que foram tanto aplicados aos verbos plenos quanto aos seus respectivos nomes deverbais. Tendo, assim, verbos e nomes respondido a esses testes da mesma maneira, este trabalho concluiu que, para o tipo de nome deverbal analisado, não há mudança nas propriedades de aspecto lexical. A influência, por outro lado, que os afixos podem provocar sobre as propriedades acionais, merece ainda ser melhor explorada em português.

Referências

BERTUCCI, Roberlei Alves. *Uma análise semântica para verbos aspectuais no português brasileiro*. 2011. 202f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRINTON, Laurel J. The Aktionsart of deverbal nouns in English. In: BERTINETTO, Pier Marco; BIANCHI, Valentina; HIGGINBOTHAM, James; SQUARTINI, Mario (Eds.). *Temporal reference, aspect and acionality*. Tormo: Rosenberg & Sellier. 1995. p. 27-45.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.

DOWTY, David R. *Word meaning and Montague grammar: the semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ*. Dordrecht: Kluwer, 1979.

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 1997.

KEARNS, Kate. *Semantics*. London: Palgrave MacMillan, 2000.

LEMLE, Miriam. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. *Letras*. Curitiba. n. 58. p. 279-324. jul./dez. 2002.

RESENDE, Maurício Sartori. Nominalizações deverbais: um estudo sobre acionalidade. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS EM LINGUAGEM, 1., 2015, Ponta Grossa. *Anais...* Ponta Grossa: UEPG, 2015.

_____. *Derivação regressiva e construções com verbos leves: um estudo sobre aspecto lexical*. 2016. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

VENDLER, Zenon. Verbs and times. In: _____. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University, p. 97-121. 1967.

MAURÍCIO RESENDE

Doutorando em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: mauricio_resende@hotmail.com.